***Nota de campo 2***

**6 de Agosto de 2007**

**Extrato da primeira entrevista a orientadores**

A primeira entrevista aos meus dois orientadores iniciais, profs. Luís Barbosa e Nuno Santos, foi decisiva para enquadrar a temática da tese, para a preparar e para contribuir para decidir abraçar o projecto com um envolvimento total.

A entrevista foi realizada no dia 6 de Agosto de 2007, entre as 11,15 h. e as 13.25 h., na Universidade de Évora, no gabinete do Prof. Nuno Santos.

A entrevista foi gravada e transcrita *ipsis verbis*, tendo a transcrição sido apresentada aos orientadores e aprovada, de tal forma que baseou a negociação e aprovação do *código ético e deontológico*, que guiou a acção do investigador durante todo o percurso investigativo de cerca de dez anos, de acordo com um projecto de vida que ali definiu.

Foram definidos os seguintes objectivos: Avaliar o processo de tomada de decisão pelo qual os orientadores decidiram orientar a tese em regime de co-tutoria no âmbito do processo metodológico identificado como M0, na nomenclatura do orientador principal.

Foi definido o seguinte método de trabalho comum: entrevista qualitativa, com questões abertas apresentadas sob a forma de tópicos orientadores da discussão colectiva.

Nesta nota de campo, uma das primeiras do processo investigativo, saliento a importância das opiniões dos três intervenientes, neste trecho da entrevista que durou duas horas e dez minutos. João Serrano é identificado como (JS), Luís Barbosa é identificado como (LB) e Nuno Santos é identificado como (NS).

Apesar de o orientador principal ter mudado, o código ético e deontológico manteve-se inalterado depois de aprovado, e norteou sempre a acção dos intervenientes.

As passagens significativas são estas, ligadas aos trajectos de vida dos intervenientes e que justificaram a decisão de iniciar a investigação e a construção da tese:

“(JS) O que está subentendido nesta troca de opiniões diz respeito aos próprios ideais de vida dos participantes, dos intervenientes”.

“(LB) Sempre disse às pessoas que me habituei a orientar projectos de doutoramento ligados a projectos de vida. Era difícil fazer um trajecto para se ter um diploma de mestrado, porque ninguém dava anteriormente um diploma de mestrado. Ou se ia com base num projecto que se apresentava à Universidade, e que continha um trabalho pensado para 8 ou 9 anos (o meu doutoramento demorou 12 anos). Era um projecto de vida. Eu sempre vi a aquisição de conhecimento científico como um projecto de vida. A resposta que tenho para a questão que colocou é “sim”, porque o doutoramento não é desligado de um ideal, não podendo ser de outra maneira. Por isso eu compagino-me mal neste tipo de mestrados e doutoramentos actuais em que tenho a sensação que aquilo é mais para comprar um lápis ou uma borracha (para consumir algo), do que para criar conhecimento, que é uma coisa completamente diferente. Antevejo que um projecto de investigação possa estar ligado a um ideal de vida. Porque também não me parece que o conhecimento científico se possa fazer desligado disso. Daí o meu cepticismo actual dada a maneira como vejo criar o conhecimento científico”.

“(NS) Concordo com o Luís. Mais ou menos directamente as nossas opções estão ligadas aos nossos projectos de vida, mesmo que sejam inconscientes. Tenho tido a preocupação, nas minhas orientações de teses, fazer ver às pessoas que elas nunca serão neutras, mesmo que sejam objectivas. Há uma diferença entre neutralidade e objectividade. Posso descrever um fenómeno que pode ser confirmado por 99% das pessoas que o observem e nesse sentido estou a ser objectivo, mesmo porque a objectividade é o consenso das subjectividades. É possível criar ali um grande consenso mas eu fiz sempre escolhas em detrimento de outras para descrever os fenómenos. Estes podem ser descritos de infinitas maneiras possíveis. Quando escolho dizer que fulano é “africano” estou a escolher a categoria de acordo com uma determinada ideologia. 99% das pessoas dirão que sim, que aquela pessoa é africana. Mas podia ter dito que ele tinha um metro e oitenta. A ciência, porque entra com conceitos, com categorias e com classificações dos fenómenos, lida com opções e estas contêm sempre uma ideologia implícita. Às vezes essa ideologia não é muito consciente e ela resulta de nós nos deixarmos levar pela corrente dominante. Toda a gente diz e nós dizemos também, mas ainda assim existe uma ideologia subjacente.”

“A minha postura: eu diria que se tivesse que me situar nalgum quadrante eu identifico-me muito com as visões humanistas, integradoras, com uma certa necessidade de superação do que têm sido as tendências de disputa entre direita e esquerda. Não tenho partido político, não tenho religião, e também “estou a perder a nacionalidade”. Quando começamos a viajar, há um momento em que a identidade nacional se esbate.”

“Não renego ser Português, mas isso não tem hoje a importância que já teve para mim.”

Outras passagens significativas referem-se à possibilidade de o candidato realizar um doutoramento europeu, e à forma como perspectiva o estudo da filantropia, do altruísmo e da cooperação, como pilares na construção do processo de investigação:

“(NS) Sobre o doutoramento europeu, ficou decidido que o doutorando fará um doutoramento europeu: este tem que ter uma frequência de pelo menos três meses numa universidade europeia, a tese tem que ser defendida em duas línguas, o júri inclui pelo um membro de uma dessas universidades europeias e tem que ter pareceres de professores de outras universidades europeias que confirmem o valor da tese.”

“(JS) A cooperação e o altruísmo já começaram a ser trabalhados nos EUA, pátria do individualismo e do livre arbítrio. Alfie Kohn trata muito bem a temática da competição versus cooperação. Os conceitos que estão a ser trabalhados na minha tese, à volta da cooperação inter-institucional e inter-pessoal, consequentemente da cooperação e do altruísmo, com pontos de contacto algures entre estes, no actual estado de coisas, poderão ser questões pertinentes e actuais, bastante implicantes. A alternativa a este estado em que a ONU não manda, em que afinal ninguém manda, a não ser os que mandam pela força, não tem futuro. Os processos de cooperação, em todas as dimensões – porque têm a ver com a nossa coerência enquanto seres humanos, cooperantes e cooperativos, conforme com a nossa natureza – terão obrigatoriamente que ser discutidos a todos os níveis. Por antecipação e neste contexto, seria muito interessante este doutoramento europeu.”

“(NS) Um dos “papas” do estudo da cooperação, Morton Deutsch , é um dos indivíduos que está na origem do movimento da chamada aprendizagem cooperativa, nos EUA, e que tem uma grande influência em várias áreas, nomeadamente na educação. Em Portugal o movimento da escola moderna foi organizado em torno da problemática da cooperação. O que é interessante é olhar a cooperação que nasce dos contributos de Morton Deutsch, que é simultaneamente individualista mas não no sentido da singularidade contributiva. Ele desenvolve o conceito à volta da estrutura competitiva – estrutura cooperativa. Segundo ele, pode criar-se uma estrutura cooperativa ou uma estrutura competitiva ou uma estrutura individualista.

Na estrutura competitiva, os objectivos são de soma nula e por isso quanto mais eu ganho mais tu perdes. E isto é o que é estabelecido, sendo por exemplo o que acontece na Escola quando nós queremos à força numa estrutura correspondente à de uma curva normal. Estamos aí a dar uma configuração competitiva e aí o aluno já sabe que houver mais 18, há alguns que “não vão caber”, porque a curva normal, na extremidade, tem poucos.”

“Na estrutura cooperativa, os docentes, os professores, os estruturantes do contexto de aprendizagem, estruturam de tal forma que eu só ganho se tu também ganhares, através de uma estratégia ganha-ganha, pela qual, através de técnicas específicas, a nota dos alunos é ponderada em função do desempenho individual, mas também pelo desempenho do grupo a que eles pertencem, pelo que os alunos têm interesse em se ajudar uns aos outros para que tenham boa nota.”